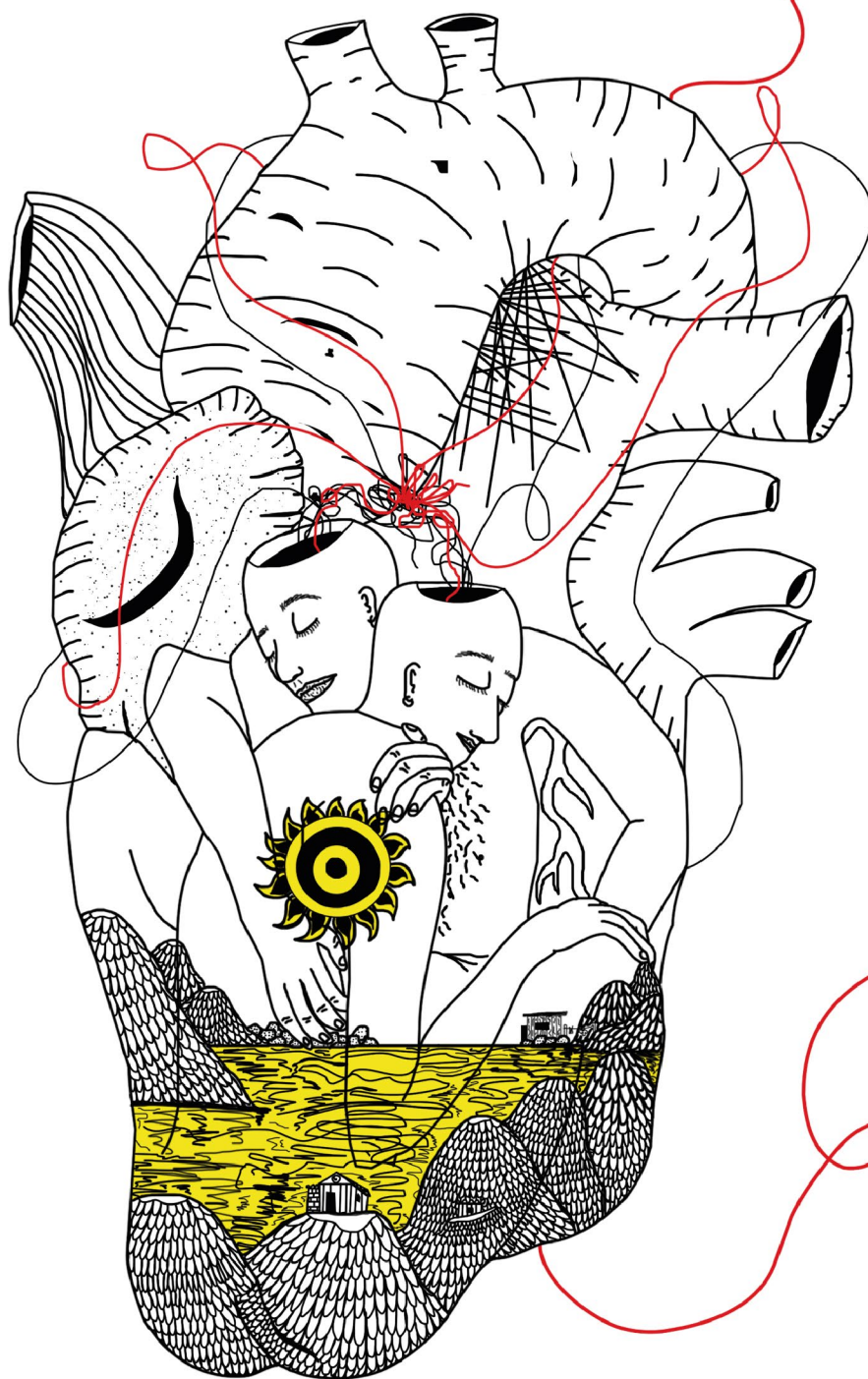


POEMAS

FEITOS DE HORIZONTES

ANDERSON RIBEIRO



Poemas Feitos de Horizontes



Ministério da Educação

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS)

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Camilo Sobreira de Santana

Secretário da Educação Profissional e Tecnológica

Getúlio Marques Ferreira

Reitora do IFS

Ruth Sales Gama de Andrade

POEMAS

FEITOS DE HORIZONTES

ANDERSON RIBEIRO



Copyright© 2023 - IFS

Todos os direitos reservados para a Editora IFS. Nenhuma parte desse livro pode ser reproduzida ou transformada em nenhuma forma e por nenhum meio mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento de informação, sem autorização expressa dos autores ou do IFS.

Editora-chefe (Coordenadora de Publicações)

Kelly Cristina Barbosa

Planejamento e Coordenação Gráfica

Erik Daniel dos Santos

Projeto Gráfico da Capa

Marília Siñani

Ilustração

Marília Siñani

Diagramação

Erik Daniel dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Santos, Anderson Ribeiro dos.

S237p. Poemas feitos de horizontes [recurso eletrônico] / Anderson Ribeiro dos Santos. – Aracaju: EDIFS. 2023.
61 p. il.

E-book

ISBN: 978-85-9591-152-9

1.Poemas. 2. Poesia. 3. Memórias. I. Santos, Anderson Ribeiro dos.
II. Título.

CDU: 82-145(81)

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Kelly Cristina Barbosa CRB 5/1637

[2023]

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS)

Avenida Jorge Amado, 1551. Loteamento Garcia, Bairro Jardins.

Aracaju/SE. CEP: 49025-330

TEL.: +55 (79) 3711-3222 E-mail: edifs@ifs.edu.br

Impresso no Brasil

Conselho Científico

Chirlaine Cristine Gonçalves
Pró-reitora de Desenvolvimento Institucional
Jaime José da Silveira Barros Neto
Diretor de Desenvolvimento Institucional
José Wellington Carvalho Vilar
Área: Ciências Exatas e da Terra
Diego Lopes Coriolano
Área: Engenharias (titular)
Herbet Alves de Oliveira
Área: Engenharias (suplente)

Adeline Araújo Carneiro Farias
Área: Ciências Humanas
Alexandre Santos de Oliveira
Área: Ciências Sociais Aplicadas
João Batista Barbosa
Área: Ciências Agrárias
Manoela Falcon Gallotti
Área: Linguística, Letras e Artes
Sheyla Alves Rodrigues
Área: Ciências Biológicas

Membros Externos

Flor Ernestina Martinez Espinosa - FIOCRUZ
Odélsia Leonor Sanchez de Alsina - UFCG
Mirian Sumica Carneiro Reis - UNILAB
Claudio Cledson Novaes - UEFS
Caique Jordan Nunes Ribeiro - UFS
Lucas Molina - UFS
Murilo Lopes Martins - IF Sudeste MG

Eliane Maurício Furtado Martins
- IF Sudeste MG
Zélia Soares Macedo - UFS
Mario Ernesto Giroldo Valério - UFS
Ana Aparecida Vieira de Moura - IFRR
Josilene de Souza - IFRN
Charles dos Santos Estevam - UFS

Editoração

Kelly Cristina Barbosa - Bibliotecária

Produção Visual

Jéssika Lima Santos - Diagramador
Júlio César Nunes Ramiro - Técnico em Artes Gráficas

Poemas feitos de poentes

Suave como o massacre dos Sóis

Mortos pelos sabres do Anoitecer.

Emily Dickinson

Começamos com um contraponto. Embora a ideia de horizonte pressuponha uma mirada para a frente, os poemas deste livro de Anderson Ribeiro executam um movimento pendular que os faz olhar também para trás: ora atentam-se ao que está diante de si, ora se voltam para o que passou, para o que se foi para nunca mais voltar. Isso acontece porque, envolvida pelo tema da paixão, grande parte dos textos possui um interlocutor bem demarcado que parece fazer morada no passado, mas volta feito fantasia e torna convidativa uma reflexão sobre a relação entre poesia e nostalgia, que será o tópico central deste texto de abertura. Em face disso, a ambivalência instaurada pela tensão entre voltar-se para a frente e para trás a um só tempo não contradiz necessariamente a imagem do título; pelo contrário, ao ser implementado em um jogo de reveses, esse contraponto a amplia e a potencializa.

Vejamos inicialmente o poema “Antes que eu esqueça”, que sintetiza bem esse movimento ambivalente do eu-poético na lida com o tempo. Embora ele não esteja no rol dos textos em que a lacuna afetiva da voz poética é exacerbada, até porque o interlocutor aqui parece ser outro que não o dos poemas plenos de saudade, esse poema tematiza aquilo que é predominante na obra: a necessidade de recordar. A segunda estrofe diz: “Antes que eu esqueça seu rosto / Quero apreciar seu contorno / Viajar cada dia / Nas suas linhas de expressão”. Além de evidenciar a necessidade de recordar, esses versos deixam claro que o eu-poético tem consciência de que um dia irá esquecer o outro a quem se dirige. É verdade que, no caso desse poema especificamente, conforme nos indica a referência ao Alzheimer em um dos títulos alternativos colocados entre parênteses, o esquecimento deixa de ser uma questão de sentimento jazente, como nos demais, para se tornar algo da biologia do corpo, talvez patológico. Contudo, não importa se patológico ou se passional, o eu-poético dos *Poemas feitos de horizontes* vive de rememorações e de rumações de momentos que, se não já se foram, estão a um segundo de partirem.

Em “Antes que eu esqueça”, a outra face da ambivalência que estamos abordando está no fato de, apesar da certeza de que irá esquecer-lo, o eu-poético ainda ter diante de si o outro a quem se dirige. É como se ele estivesse em vias de (de esquecer,

de não mais ter). É como se estivesse diante de um horizonte se pondo com o sol. Assim estando, declara, no tempo presente e no tempo que lhe resta, seu amor: “Quero gritar bem alto que te amo”, “Quero apreciar teu contorno”, “Quero me despedir de você pensando em voltar” são versos das três primeiras estrofes do poema. Portanto, temos um poema que, no tema, refuta o esquecimento mesmo sabendo da inevitabilidade dele, mas na forma, com verbos importantes no presente do indicativo, atesta a presença do outro a quem se dirige, cuja presença ainda não é somente recordativa.

Talvez pareça óbvio, mas é necessário dizer que, em sentido genérico, toda poesia é carregada de memória, pois as palavras, das quais se tece o texto poético, assim o são. A palavra “manhã”, por exemplo, possui uma memória de uso. Ao confrontar-se com ela aqui, o leitor poderia recuperar outros contextos, literários ou não, em que ela foi utilizada e, a partir disso, traçar uma análise comparada entre as ocorrências resgatadas. Teríamos, assim, um uso vocabular memorando o outro. Entretanto, neste livro, os poemas que se voltam para o passado escapam a essa usualidade inevitável ao fazerem desse retorno um procedimento-chave para sua construção. Ainda que exista uma concepção de memória que se conceba a partir dos esquecimentos, o gesto recordativo nos poemas de Anderson Ribeiro é sinônimo de reminiscência, de lembrança, de nostalgia, uma vez que a recordação (etimologicamente, “trazer de volta ao coração”) de momentos do passado é parte do mecanismo de sobrevivência do eu-poético no presente.

Essas recordações das quais estamos falando são da ordem do poético por excelência, e não da experiência pessoal, isto é, por mais que possam ter origem na vida do poeta que as escreveu, ganham figurações e contornos artísticos que suplantam qualquer suposto mote biográfico do processo criativo. Com isso, não estamos afirmando que as memórias de pulsão biográfica não possuem relevos de poesia (vejam-se, por exemplo, os três volumes de *Boitempo*, de Drummond), mas sim que na construção dos poemas deste livro não há indícios de um uso sistemático e estruturante de informações da vida do poeta Anderson Ribeiro de carne e osso. O elemento estético se sobressai de tal forma que, como já afirmamos, as vozes criadas pelo poeta para falar nos poemas possuem características comuns e, em um tom quase uníssono, conferem uma unidade interessante para o conjunto dos textos e determinante para a interpretação deles. É como se as memórias do eu-poético aqui se aproximassem daquilo que se convencionou chamar de memórias ficcionais, embora estas sejam, como o próprio nome já sugere, predominantes no universo da prosa de ficção.

A propósito, um aspecto crucial na associação entre forma e conteúdo para essa leitura com forte apelo nostálgico é o recurso à narratividade, a qual se deixa ver pelos

verbos de ação no pretérito e pela forte marcação de espacialidade, que geralmente emerge no ambiente íntimo da casa e em lugares muito abertos, como estradas ou praias. Por meio do tempo verbal que sugere cenas rotineiras no passado, como se ainda estivessem presentes (e de certo modo estão), enfatiza-se o turno da manhã, a arrumação da mesa do café e a comparação com a infância. Podemos mencionar o poema “Um café” como exemplo, no qual o eu-poético diz a seu interlocutor: “Nunca imaginei que eu fosse estar sozinho nesta casa sorvendo lembranças suas / Tão doces e quentes e cheias de poesia / A me extrair um sorriso distraído dessa alma que sem você está demasiadamente fria”. Ou o poema “Chuva”, que finaliza com os seguintes versos: “Em dias de chuva minha casa eram seus braços / Que aninhavam a carcaça de homem me permitindo de novo ser menino”. Ou, ainda, o poema “Fez sol”: “E depois caminhar para aquecer a memória / Brinco de duplicar as pegadas para sentir você ao meu lado [...] / E eu permaneço onda / A apagar meu rastro”.

Das imagens acima, que podem seguramente ser encontradas em outros poemas do livro, podemos depreender vários sentidos importantes para a compreensão da obra. Primeiro, a memória evocada não é meramente nostálgica, no sentido de saudade de um gosto que não se teve; pelo contrário, é uma reminiscência muito sinestésica, uma vez que recorre a imagens extremamente sensoriais – a chuva, o café, o calor do sol, a areia da praia. Segundo, a referência à casa, à infância e às manhãs, zonas geralmente associadas a aconchego e a começos, está no rol dos horizontes presentes no título do livro, denotando a busca de vida e intensidade pelo eu-poético a despeito das ausências. Por fim e paradoxalmente, com os dois últimos versos citados de “Fez sol”, temos a consciência do fim, apesar dos tantos sabores, apesar da infância, apesar das manhãs, apesar da energia vitalizante do sol, que em algum momento se põe.

O maior exemplo da convivência da memória afetiva com essa consciência da finitude talvez seja o poema “Lápide”, no qual somente pelo título ficamos sabendo que a “morada” do ser amado à qual o eu-poético se refere é o túmulo. Notem: embora a metáfora do cemitério como nova morada seja de certo modo clichê, aqui ela assume um papel fundamental ao ser confrontada com a presença da casa como lugar de acalanto em outros poemas, uma vez que coloca em cena a recusa do eu-poético em aceitar que o verdadeiro lar, o lugar inicial e fundador, agora só pode ser habitado pelas memórias que ficaram, ainda que haja cor nas flores que ele leva para a casa definitiva, ainda que o sol venha depois da chuva fina em sua visita ao ser amado no cemitério. “Lápide” é, em grau máximo, o grande exemplo da coexistência nos poemas deste livro de uma recusa consciente da ausência (quando recorda) posta lado a lado de uma consciência recusante das memórias (quando o agora vive).

Fica-nos, então, uma questão inquietante: como equacionar emoções tão densas e conflitantes? É o – não por acaso – último poema do livro que nos fornece a resposta: através da escrita poética. Anderson Ribeiro dá pistas dessa resposta ao longo do livro, com poemas como “Sua arte”, “Teu Diário” e “Cartas”, mas é com o último texto, intitulado de “Escrever este poema”, que tudo se esclarece em um lance quase epifânico: a casa de tijolo e cimento algum dia precisará ser desarrumada, nosso corpo (a casa primeira e última que habitamos) perderá sua feição, as relações serão em algum momento esvaziadas, ainda que para se preencherem de novo, e só a Poesia dá conta de assentar tantas tensões, tantas pulsões. Mirar horizontes a leste sabendo dos poentes a oeste: eis grande missão da atividade poética. A Poesia é esse feixe de luz que fica depois que o sol se vai, e estes *Poemas feitos de horizonte* cumprem com maestria esse papel.

César de Oliveira,
poeta

Dedicatória

Poemas Feitos de Horizontes é sobretudo uma declaração de amor em todas as suas facetas e nuances. Uma declaração dita em lembranças às vezes dolorosas, outras tão suaves e de alegria. Ditas em histórias que foram vividas e até as que foram romantizadas, mas sempre uma declaração de amor minha ou de outros tantos a dizerem de alguma forma que o amor vem da alma.

Este livro é dedicado para os meus e para todos os amores. Pra'quela que disse um dia que se ou quando se separasse casaria contigo e pra'quele que diz que te tem amor maior que aquele purê de batata gostoso que lembra da infância.

Agradecimentos

Quero agradecer aos amigos e alguns familiares que sempre me cobraram a publicação de um livro pelo tempo que tenho de estrada na poesia. Ei-lo aqui.

A Marília Siñani pelas ilustrações que deixaram este livro mais belo. Artista visual e multiartista de origem paulista e boliviana, tem experiências na área de arte-educação, audiovisual, música e ilustração. Como visto aqui neste Poemas Feitos de Horizontes, sua obra é marcada pela presença da cor amarela e da liberdade no traço e resgata a ancestralidade e a sensibilidade no mundo.

Ao poeta e amigo Assuero Cardoso Barbosa que me presenteou com o título do livro, que ao ler os rascunhos, disse: Seu livro deveria se chamar Poemas Feitos de Horizontes e justificou por motivos que nem sei quais foram porque eu já havia aceitado o título sem os pormenores. Valeu, Assucar.

Ao amigo e também poeta César de Oliveira que se debruçou neste livro e fez uma análise tão minuciosa, tamanha sensibilidade e competência. Muitíssimo obrigado.

SUMÁRIO

Platônico	16
Do autoperdão	17
Receita	18
O mar	19
De nós.....	20
Sua arte	21
Antes que eu esqueça	23
E do seu toque criou-se o universo	24
Acasalamento	26
Meu farol	27
Essa brisa	28
Desnudos	29
Eu me misturo a você	31
Transe	32
Quando eu sinto você por perto	33
Porque eu gosto de você	34
Em você	35
Leveza	36
Teu diário	37
Saudades	38
Saudades II	39
Chuva	41
Fez sol	43
Aquela viagem	44
Manhãs	45

Um café	46
Cartas	47
Insônia	49
Embaraço	50
Asas	51
Pôr do sol	52
Espera	54
O tempo das horas	55
Quando eu era vivo	56
Lápide	57
No balanço da rede	59
Escrever este poema	60



Platônico

Sim, sei

Sempre espreito da janela e vigio teu portão

Sim,

Também sei que nem me notas

Mas a mim não importa se eu posso espreitar

Ah!

Sei ainda de tanto te espreitar

Quando estás feliz só com teus passos

Leves, largos e com pequenos saltos para subir a calçada

E assim sei também quando estás cansada

Quando te arrastas mesmo querendo alcançar rapidamente o portão

Sim.

Assim eu sei

Porque espreito da minha janela

E da minha janela de espreita

Meu amor com medo de altura

Não pode chegar nunca até ela.

Do autoperdão

A mim o meu amor me parece preso
E eu sem armaduras nem cavalos
Não posso subir no alto do castelo em cascalhos
Para salvá-lo, assim, medievalmente.
Eu, senhor dos meus exércitos sem fronteiras,
Tento em vão derrubar barreiras inconscientes
de lamento derramados no horizonte dos meus
pensamentos
Para livrar o meu amor de qualquer tortura
E sem forças, só me resta empunhar a espada de
minha liberdade frustrada
E cravar no meu peito trôpego de tantas lutas e
derrotas
Para que seja herói ao menos nessa hora em que a
honra aparece meio tímida
E com a minha própria justiça
Lavar meu corpo com meu sangue quase sem cor, sem
nobreza e sem títulos
E enfim eu seja eximido de meus pecados para morrer
como um grande plebeu.

Receita

No meu caderno azul de receitas

Alinhavei páginas de histórias com o modo de fazer a
vida depois de um pão na chapa

Um pão que eu mesmo criei pra saborear os dias com
ingredientes que imaginei serem mais palatáveis

Adociquei o tempo com doces que copiei dos outros

E deles inventei minha própria felicidade

É tarde, eu sei, pra salvar o pão queimado; mas ainda
dá tempo pra pôr na chapa outro pão e recheá-lo com
outros amores que ainda virão

O mar

O mar veio até mim com toda sua fúria me acalmar
Bateu no muro, virou espuma, molhou meu corpo.
Levou meu medo, minhas angústias, minhas
incertezas.
Deixou acesa uma vontade de desbravar o mundo
E lá no fundo, um querer ser além do que acredito.
E eu me inundo e vou profundo pra saber até onde vou

De Nós

E então você me diz como devo seguir a vida;
E fala de coisas do coração;
De que a solidão é maldição das brabas.
E eu respondo: mas a vida não tem curso certo;
Não há nem direção!
E você sorri como quem tem certeza de que eu não sei
de nada.
Mas eu sei que não sei de nada;
Nem ela;
Nem ninguém.
Eu sei como quem sabe que plenitude é percepção do
momento exato do que deve ser o sublime.
E assim só estou perto de estar certo cem por cento
quando atinjo o universo;
Uma certeza efêmera, etérea e volátil.
Mas eterna enquanto é;
Enquanto está;
Enquanto passa por mim e me sinto Deus.
Mas sentir-me não é ser de fato
E eu padeço incompreendido por ser mais;
Por ser muito;
Por ser alma.
Por ser inteiro sem precisar ser completo.
Mas não importa!
Ainda assim posso ser feliz por ser completamente eu...
assim faltando e sobrando peças.

Sua arte

Me encantei por sua paleta de notas.

Elas coloreem meus dias com tons divinais;

Pintam o ar numa tela abstrata que sopra em meu
rosto;

Invadem meus ouvidos para que eu sinta seu som

Como se fossem flores a espalhar a primavera pelas
ruas

Soltas por suas mãos



Antes que eu esqueça

(Ou Amnésia ou Antes que o Alzheimer me Alcance)

à Angélica Amorim

Antes que eu esqueça seu nome
Quero gritar bem alto que eu te amo
Assim cafona mesmo
E cheio de clichês.

Antes que eu esqueça seu rosto
Quero apreciar seu contorno
Viajar cada dia
Nas suas linhas de expressão.

Antes que eu esqueça de ir
E não saber o caminho que queria tomar
Quero me despedir de você pensando em voltar

Mas se esquecer antes de partir
E não souber ler os mapas
Vagarei por aí...
... antes que eu lembre...
Até morrer.

E do seu toque criou-se o universo

Senti na pele o vento frio

E o acalanto das suas mãos a percorrer as minhas costas.

Meu corpo já era toda estrada

E esperava ansioso o destino dos seus dedos.

Senti minha respiração ofegante

E meu coração em disparada

Cada vez que acelerava nas suas curvas.

Seu corpo já era todo mapa

E me mostrava o caminho da sua casa.

II

Quanto mais andava

Mais me perdia nos seus caprichos.

Quanto mais eu entrava

Mais me levava aos seus encantos.

Eu lhe mostrava cada canto

Da minha casa tão bagunçada

E desarrumava a sua a cada passo.

A cada cômodo.

III

E na desordem do nosso lar

Minha camisa já cobria sua saia

A minha tara percorria sua sala
E a mentira se fazia nossa jura.
Nossa canção tocou naquela hora

De refrão e gritos prolongados
Afinados em frequência e sintonia
Nossas palavras não tinham mais razão.

IV

Você me enlouquecia e me mutava
Eu te segurava pra não escapar
E feito cosmo em expansão
Pulsamos estrela à explosão.

E os dias se fizeram luz
E a luz encobriu o mundo
E o mundo se encheu de vida
E a vida se fez sentido.
Tudo.

V

E foi sentindo um vento frio
Que sua mão tocou a minha pele
E o planeta se criou.

Acasalamento

Poderia ter sido uma manhã qualquer não fosse a noite
sem querer se acordar;

Exausta como eu, ela foi melhor que a noite passada e
às nove horas não havia amanhecido ainda.

Poderia ter sido num inverno qualquer

Mas foi em agosto que nos gostamos e desfalecemos.

A noite dormiu lá em casa e não tomamos café

É que pra nós, era noite; e ela, era minha companheira.

Poderíamos ter passado despercebidos...

...Não fosse o blecaute que causamos no mundo.

Meu Farol

Você é meu ipê amarelo

Que quando flora brilha no horizonte feito sol.

Meu ipê amarelo que nasce em terrenos tão arredios!

E os enche de vida,

De brilho e alegria.

Meu ipê amarelo que me guia no Cerrado e sertões de mim;

Luz em mim.

Farol

Essa Brisa

Sinto seu toque quando se faz vento

E ouço sua voz a dizer-me que me adora

E flutuo feito sonho colorindo o horizonte

E brinco em nuvens brancas que me abraçam tão
macias

Ah, essa brisa!

Essa brisa!

Que me enche a tarde inteira logo quando finda o dia!...

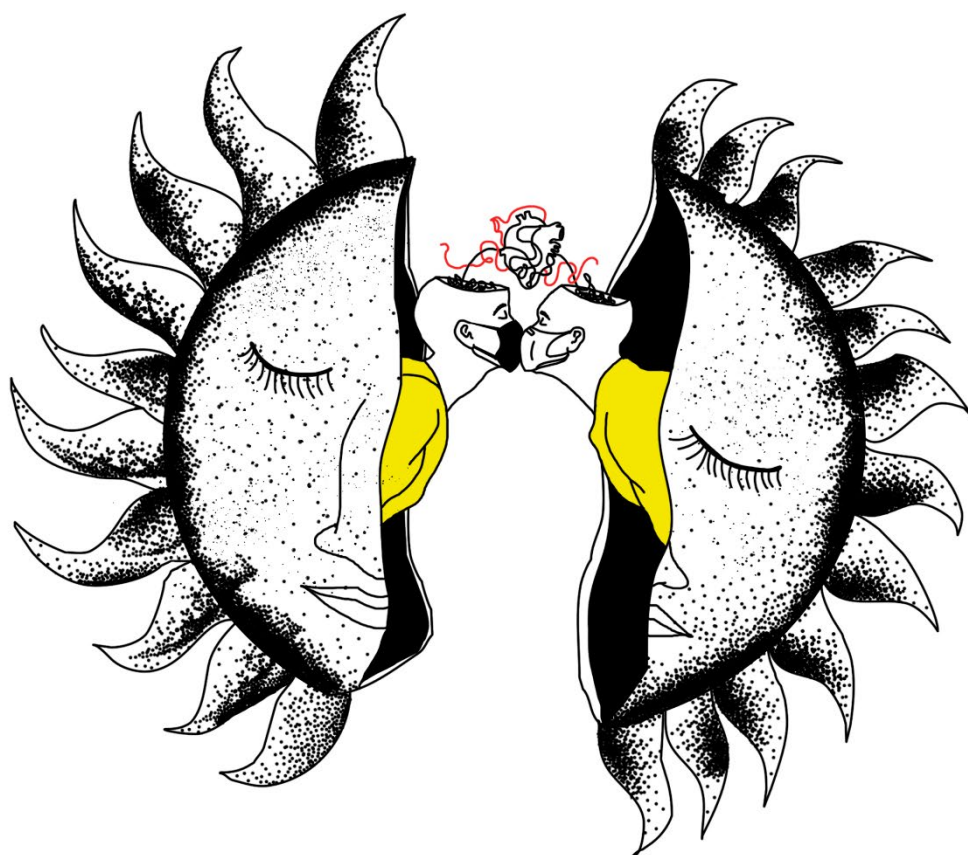
Desnudos

E assim era nosso paraíso
Livre das coisas que nos reveste
De tudo que nos impede
De tudo que nos adeque
De tudo que nos deixa rente

O mar é água corrente
Que a liberdade nos prende
Amar é canção de poeta
Que no coração nos acerta

E assim era nosso mar de sonho
De ser pássaro e mergulhar
De ser passo e flutuar
De ser Deus em um abraçar
A morrer de vez nos seus braços
Quando posso me deixar

E assim era nosso acaso
De ser mar a silenciar o mundo
Quando a onda quebra no fundo
E morre lambendo o raso.
Shiiiiiiiiiiiiiii...



Eu me misturo a você

Eu me misturo a você misteriosamente.

Me embaraço;

Crio laço;

E me envolvo em seus braços (digitalmente) em dados
móveis de celulares.

Sem o toque ainda de suas mãos,

Imagino;

Sinto sua onda no ar, satélite natural que sou.

Sol que queima a pele com seu sal;

Com seu suor;

Com seu mar;

Com seu amar.

Eu me misturo a você transcendentalmente.

Quando meu signo cruza com o seu na via láctea
enquanto vejo estrelas;

Quando minh'alma cria asas e encontra a su'alma ao
voar na mesma direção.

Aí é colisão na certa!

Big Bang;

Coração.

Transe

Eu sei quando você vem e me enche de uma alegria
sobre-humana
Pois sei de suas intenções e do desejo de me incendiar
Gosto quando chega e de mansinho me faz flutuar
E me faz sussurrar coisas que nem mesmo imaginava
que podia
Gosto do seu jeito e do toque de suas mãos
Gosto de todas as canções que me faz ouvir
E do calor que provoca quando passeia no meu corpo
Gosto de saber que me quer inteiro
Pois me entrego a cada centímetro de sua loucura
Gosto de ver por seus olhos
E descobrir um mundo de sentimentos que jamais
sabia
Gosto quando me arrebatava e seca minha boca
E deixa minha garganta ávida por um grito
Gosto quando se aproxima do meu pescoço e o deixa
quente
E me faz transpirar
E me faz transgredir, arrepiar
E me mostra o que nunca pensei ser
Gosto das horas que me faz perder no tempo
Ao me encontrar com você no amanhecer.

Quando eu sinto você por perto

Sinto você por perto quando o sol desperta o dia e traz
energia pra seguir a vida

Sinto você por perto quando as horas passam pedindo
passagem e ouço uma canção da Ceumar

Aí sinto seu abraço e a dor passa

Sinto você por perto quando vem o entardecer e o
mundo brilha em sépia depois das 4:20

Sinto sua presença também quando a noite vem

É quando sei do seu dia

É quando sei dos seus planos

É quando sei o quanto amo sentir que você está por
perto

Porque eu gosto de você

Gosto muito de você porque está em mim todas as noites,

Todas as manhãs,

Em todo meu dia;

Gosto de você porque irradia em mim uma luz tão brilhante quanto o sol;

Porque você me faz pássaro, anjo, humano fora do chão;

Gosto de você porque me faz flutuar, bolha de sabão a aventurar-se no tempo distante;

E gosto também porque vem a mim tão mágico, tão música tocar tão doce meu peito de aço;

E também porque mesmo longe você segura minha mão e me leva pro seu quarto e me beija e me diz coisas tão bobas que eu até rio.

E é por isso, por tanto e por muito, que eu gosto mesmo de você.

Em você

Eu te vejo estrelas a habitar meu céu
E povoo meu chão ao encontrar teu corpo.
Aí, te uni versos;
Rimas em mim.
... ricas ...
... pobres ...
Liberdade poética;
Neologismo;
Via láctea em po(‘ -)esia a derramar estrelas,
Caminho de luz que leva até Óz
Até onde os olhos perdem os sentidos e se sentem
bem.

Leveza

Você me faz poesia.

Sol, quando nublado está o dia.

Você se faz de meu guia.

Segura minhas mãos;

Me leva de mansinho no caminho de sua geografia;

Faz do homem um menino a brincar de desenhar
nuvens;

Um menino a andar nas nuvens mesmo sendo homem
com os pés no chão.

Teu Diário

Escrevi teu nome no meu caderno de contos e a
lembrança de um momento que tivemos virtualmente
Sonhei com você algumas noites
Noutras eu me entreguei por inteiro
Senti teu cheiro
Imaginei teu corpo
Toquei tua pele...
E de repente toquei o céu com a língua em tua boca
E então eu fui aos céus implorar pela eternidade até
desfalecer sobre teu peito que me faz criança

Saudades

Hoje meu peito se encheu de saudades

E meu coração pulsou em uma velocidade que nem sei

Hoje minha felicidade está muito distante

Numa distância que não dá pra alcançar com os pés

Hoje me sinto como cidade vazia em que poesia vira
melancolia

E toma conta da melodia e se faz um samba-canção do
Cartola

Pois é você que me enche a memória dessa lembrança
que me aperta o peito

Porque você faz parte da minha história

Mas enquanto meu coração chora

Sei que uma hora dessas a gente se encontra

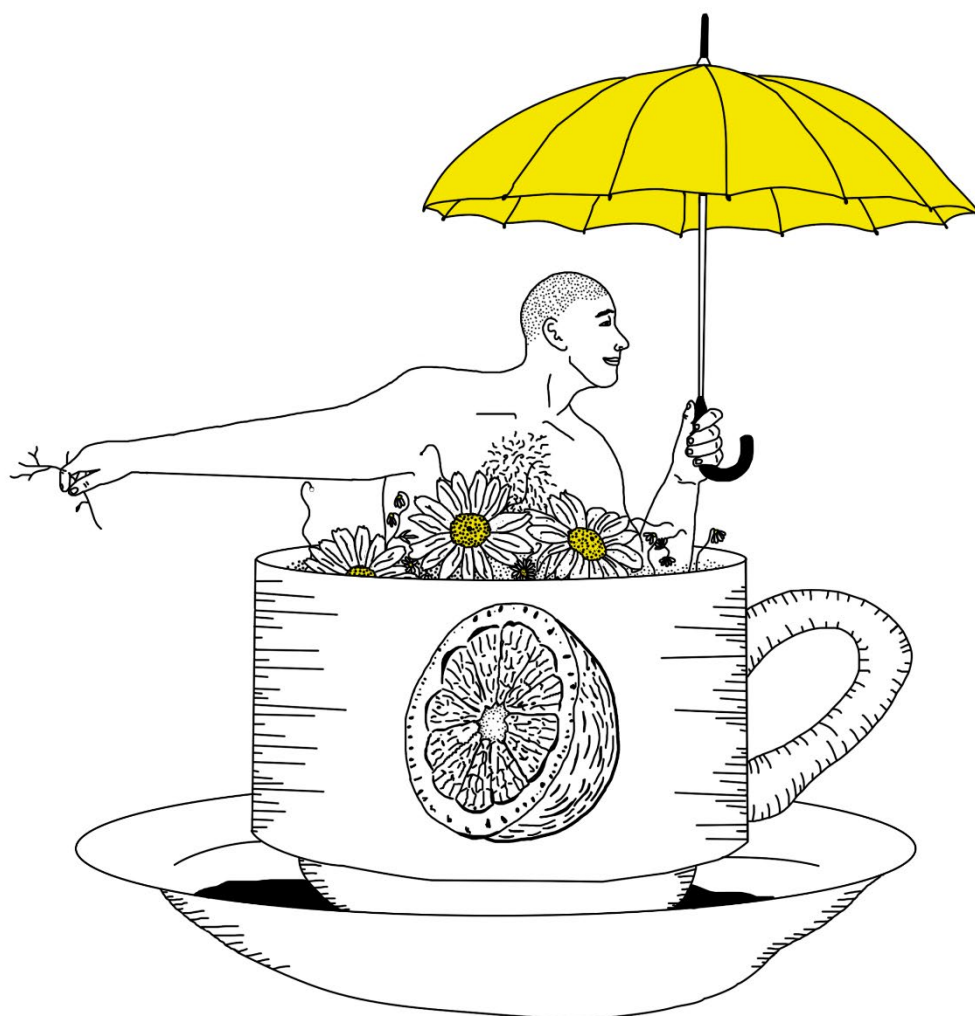
Saudades II

Tenho saudades do seu bom dia ainda na cama
Do café quente
Do pão na chapa
Do acordar para a vida a cada minuto que o relógio
passa ou para no tempo pra nós

Tenho saudades dos passeios na praia
Da caça as conchas
Do marcar os pés na areia deixando rastros do nosso
caminhar lado a lado
Do molhar o corpo
Do lavar a alma
Do banhar-nos nas águas das tardes tão mornas
Das carícias tão leves e tão doces mergulhado em sol e
sal no mar de Milagres com você

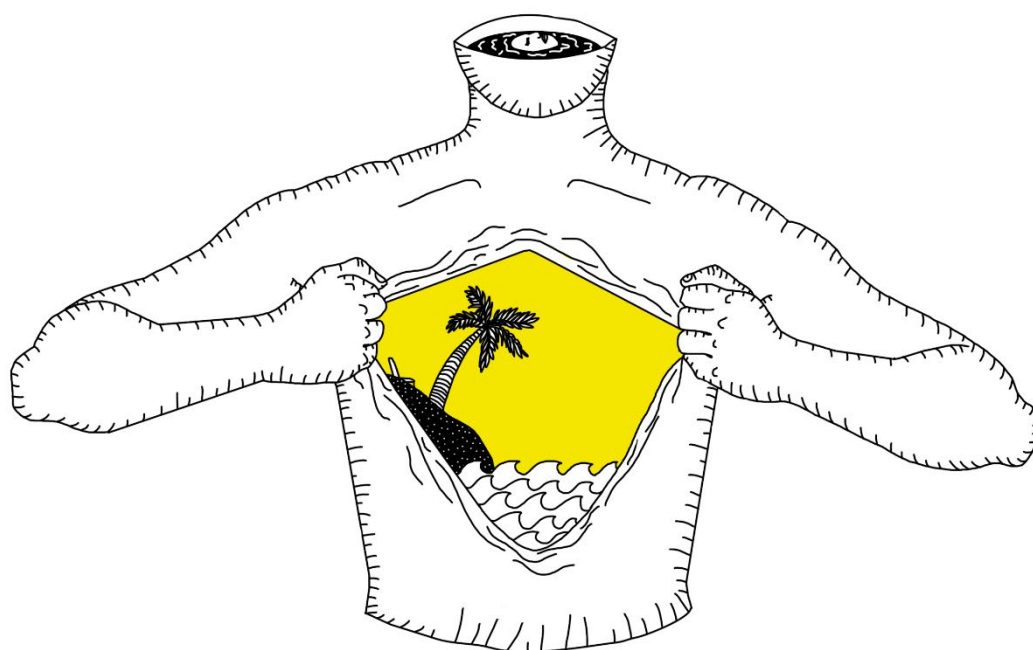
Tenho saudades do seu olhar dizendo que me ama
cada vez que seu corpo se entrega sem tréguas ao
meu
Esse meu corpo que lhe espera feito quem tem
saudades a mirar o horizonte, sorrindo à toa na beira
do cais

Tenho saudades de tanto que nem sei
E saudade é tudo que agora me espera



Chuva

Hoje choveu bastante e o inverno nem começou ainda
Nem atrevi a me molhar sem você
Em dias assim a gente voltava a infância
E dançava nus sob a chuva, lembra?
Depois a gente tomava um chá pra aquecer a alma!
Você adorava camomila e eu o azedinho das frutas
cítricas
Você me olhava com olhar tão doce e era tudo que era
preciso pra que o mundo se equilibrasse
Em dias de chuva você me fazia esquecer das ruas
alagadas;
Das goteiras pela casa;
Da vida fora da cama.
Em dias de chuva minha casa eram seus braços
Que aninhavam a carcaça de homem me permitindo de
novo ser menino.



Fez sol

Hoje fez sol esta manhã

E esse sempre foi um convite de ir à praia

Em dias assim a mim me importa mergulhar e ter
momentos de levitação

E depois caminhar para aquecer a memória

Brinco de duplicar as pegadas para sentir você ao meu
lado

E depois desisto e imagino que você está em meus
braços

Daí o dia passa;

O vento me abraça;

O sol se vai.

E eu permaneço onda

A apagar meu rastro

Aquela viagem

Peguei a estrada esses dias

Lembrei daquela viagem que fizemos juntos

Me veio que erramos a rota e paramos em outro destino

Às vezes a gente se perdia pra depois nos encontrar

Você me dizia que não era boa em decifrar mapas

Mas sabia como ninguém me guiar em sua direção

E assim seguíamos sem placas e sem setas

Desbravando cada curva e cada reta até morrermos
numa fotografia que a memória insiste em me tirar num
riso de saudade a cada vez que eu retorno ao ponto de
partida

Manhãs

Ainda preparo a mesa para nós dois
Ponho as louças as quais você gostava
Aqueles que têm umas xícaras com desenhos azul-
marinho!
Olhando pra elas agora lembro como você a segurava
e levava-lhe à boca
E depois docemente punha à mesa
Era tão suave!
Suas mãos bailavam
Pareciam um cisne a nadar no ar
Ah! Eu também uso aquela toalha de mesa xadrez para
forrá-la e disponho os talheres como de costume
E todas as manhãs eu preparo o café enquanto lhe
conto histórias de nossas aventuras
Algumas ainda me arrancam risos
E outras tantas eternizam minha saudade
Lembra o verão de 69? Ou terá sido 70?
Ah! Você que guardava datas e sabia dos detalhes de
cada viagem
Eu? Lembro apenas que foram boas!
Então a mim não me importa quando foi ou em qual
estação.
E é por isso que eu ainda ponho a mesa todos os dias
pra nós dois
Porque é assim que eu renovo sua presença nesta
casa todas as manhãs

Um café

Ainda sinto o gosto das palavras que exalavam da sua boca

Tinha sabor de poesia

Tinha cheiro e cor de poesia

Quando todas as manhãs você dizia que me amava

E me beijava logo após um gole de café

Eu lhe olhava abobalhado com um sorriso quicado no rosto sem nem me importar mais com a mesa posta

Você percebia a minha fantasia e me acordava com piadas tolas de que o café não se toma sozinho e iria esfriar

Nunca imaginei que eu fosse estar sozinho nesta casa sorvendo lembranças suas

Tão doces e quentes e cheias de poesia

A me extrair um riso distraído dessa alma que sem você está demasiadamente fria.

Cartas

Escrevo cartas pra você no meu endereço
Revelo nelas como você me dizia “eu te amo” em
pequenos gestos todos os dias
De quando me arrancava da cama pro café da manhã
E até quando me jogava no chuveiro pra não atrasar o
jantar
E eu te puxava e te molhava com roupa e tudo.
Você ficava brava e eu lhe abraçava
Afinal o abraço é o elixir da calma!
Aí você sorria um sorriso largo e me cobria de espuma
e me fazia ser feliz
E é por isso que ainda rio sozinho toda vez que leio
essas cartas
Para que eu vença o tempo toda vez que ele tente levar
de mim sua risada.



Insônia

Eu abri aquela garrafa de vinho chileno que você tanto apreciava

Era Merlot? Cabernet?

Eu só sabia umas duas uvas mais além dessas pra lhe cortejar

Decorei quando você me falava das regiões e das uvas que vingavam nelas.

Depois eu já me perdia em seus olhos de uvas rubi e me inebriava em tão tinto e encorpado olhar

Lembro que seus olhos tinham cor de infinito

E eu menino aflito não sabia decifrar

Embaraço

Amanheci sem você ao lado

Já é o terceiro, quarto mês.

Nem sei mais!

Esse é o espaço mais vazio da casa depois que você
se foi

Limito meu terreno com travesseiros pra não me perder
por inteiro nessa cama

Pra não nadar no vazio tentando lhe encontrar

Pra não me afogar em sonhos tão detalhadamente
reais

Você costumava dormir sentindo meu peito

Era seu jeito de me fazer forte e capaz

De me fazer ser mais e além e infinito

Você costumava se entregar em meus braços e era tão
bonito!

E me fazia ser Deus

E me fazia ser eu como nem eu mesmo imaginava

E foi assim que nesse lado vazio acostumei a ser
amado

Asas

Você me dizia com olhar de infinito que a liberdade é
como gaivotas voando para o sul sobre o mar!

E eu a convidava a fechar os olhos e ouvir o vento que
sopra em qualquer direção

Naquele momento a gente era só asas desbravando os
ares

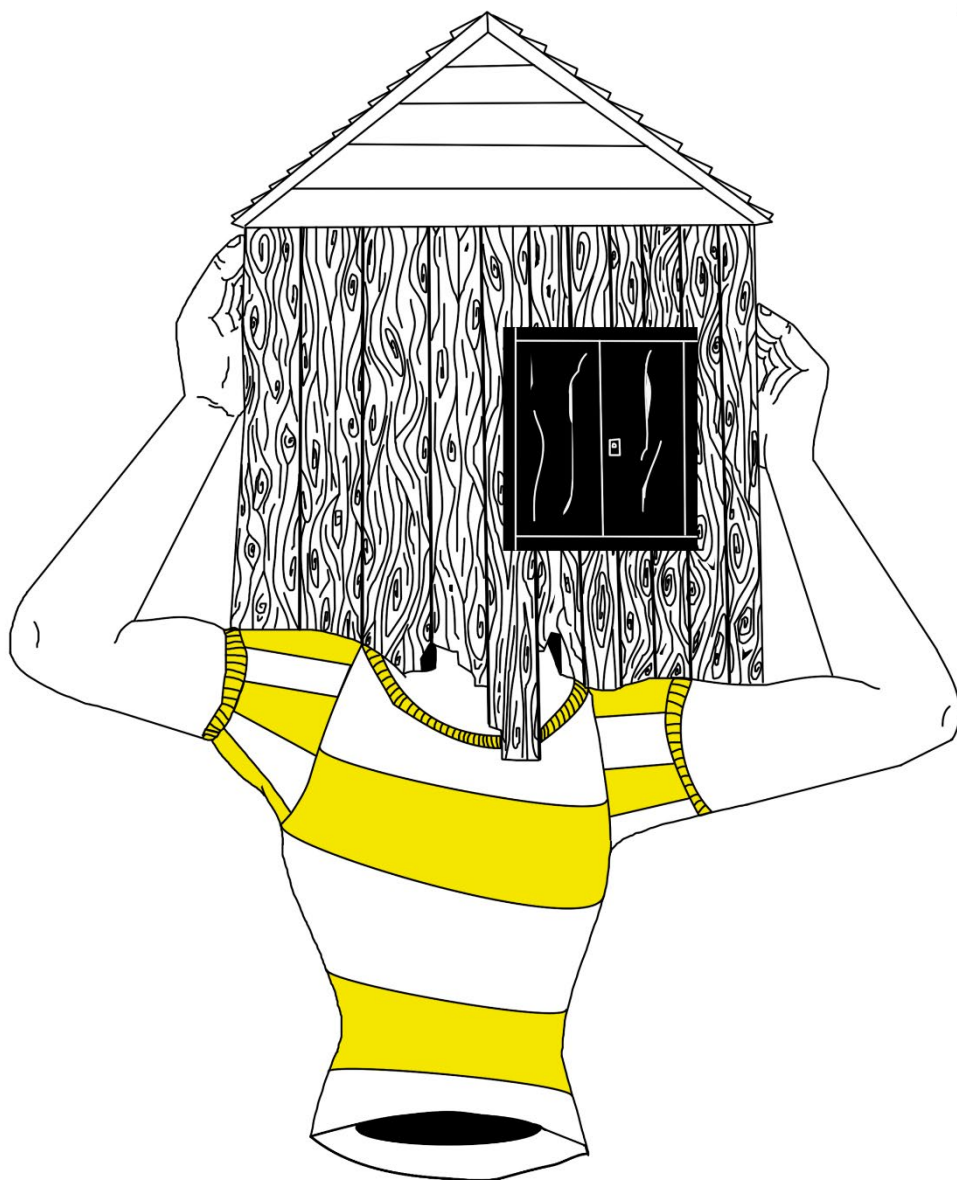
Seguindo rumo ao horizonte onde o céu beija o mar

E num mergulho fundo voávamos peixes a procurar
estrelas

E depois nadávamos pássaros a perseguir o luar.

Pôr do sol

Fui visitar aquele fim de tarde que um dia
contemplamos juntos
Ele já não é igual
O mar está mais bravio
Aqueles coqueiros nem existem mais
E sem você já não tem o mesmo calor.
As nuvens têm outros desenhos
As cores estão mais intensas
E aquela promessa de sermos um virou solidão.
Os pores do sol agora são crepúsculos
E o músculo no meu peito que bate involuntariamente
Escurece em mais um anoitecer



Espera

A casa ainda espera sua presença

Você deixou coisas suas como se fosse voltar

E eu esperei

Esperei por dias

E foram tantos os dias que perdi a conta e até a hora
de me despedir.

O tempo das horas

Você sempre disse pra respirar o tempo, não as horas

Porque o tempo das coisas acontecem uma hora
dessas, sem pressa

Já as horas? É tempo entrecortado de coisas a fazer,
de tarefas a cumprir.

As horas rotulam, enquadram, aprisionam

E o tempo? Bem, o tempo tem o tempo que tem;
despressurizado, malemolente e sempre no gerúndio
aguardando maturação

Sentir fome é tempo;

Almoçar é hora.

Poesia é tempo;

Escrever é hora

E por hora deixo o tempo fluir sem contar o tempo que
ainda tenho das horas que me restam no tempo de
seguir

Quando eu era vivo

Anos antes de morrer prometi que seria livre do mundo
fora de mim.

Falhei!

Chutei algumas regras

Algumas de desapego

Mas não foram suficientes

O mundo nos cerca e nos aperta feito jiboia faminta

E nos devora mesmo que a gente lute bastante.

Uma fúria tão desproporcional quanto a de um homem
que se sente traído por achar que perdeu a mulher para
seu filho

E a expurga

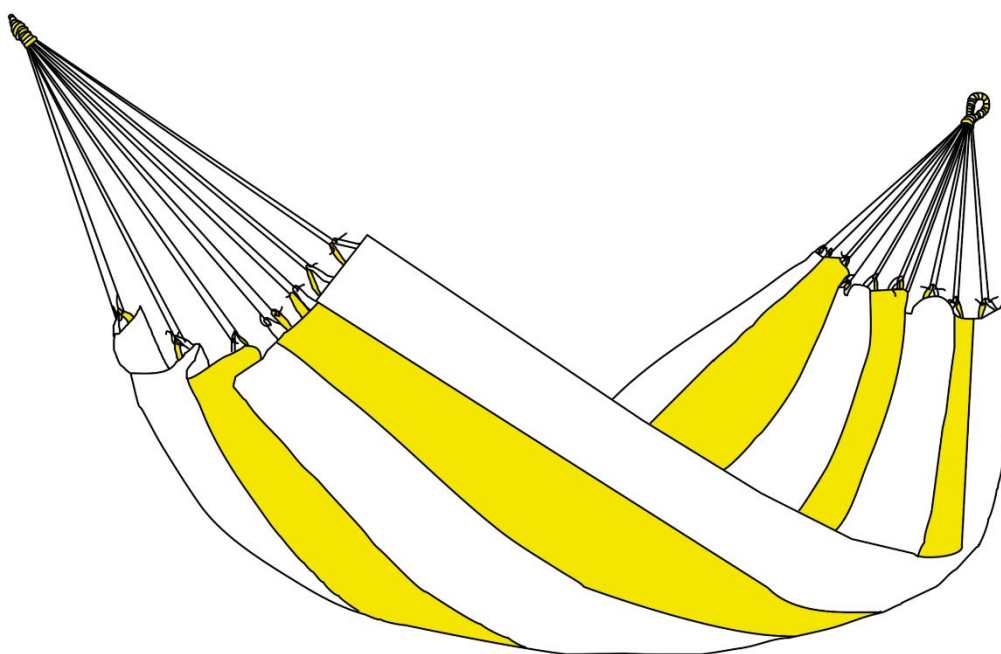
A expulsa de si

E a coloca numa invisibilidade que a melhor maneira de
redimir-se é a própria morte

Anos antes de morrer eu tentei cumprir minhas
promessas até que a redenção bateu à minha porta e
eu abri

Lápide

Eu lhe levei flores naquela manhã de sábado
Furtei-as pelo caminho até chegar a sua morada
Tive o cuidado de ter muitas cores
Pois sei como seus olhos sorriem com o arco-íris logo
após o sol dar sua graça depois da chuva fina
Eu furtei flores e dancei pelo caminho
E cantei aquela canção de saudade que meu coração
sente antes mesmo da chuva passar
Antes mesmo do sol despertar as cores
Antes.
Antes de chegar na sua casa ainda cheia de
lembranças e eu chover desesperadamente



No balanço da rede

Foi na madrugada que ouvi o vizinho ninar lembranças
na rede

A cada vai e vem uma música rangia no silêncio feito
ferrugem

Era um som de abandono que acompanhava as
ranhuras do seu coração

Partido em tantos cacos pela partida da sua mulher que
não ia mais abraçar

Ele varou a madrugada a mirar absorto a parede da
sala

Tentando tatear fotografias presas na memória
enquanto se balançava na rede que rangia o tempo

Que de tanto ranger esqueceu-se no tempo dentro de
si para manter-se ainda vivo.

Escrever este poema

Escrever este poema foi minha maior prova de amor

Deixei nele a cama ainda desarrumada e o café
esfriando na cozinha;

O pão ainda na torradeira e a manteiga sem tampa
sobre a mesa.

Escrever este poema foi feito o recado de eu te amo
deixado no criado-mudo;

E o rastro do meu perfume ainda pela casa.

A garrafa de água pela metade na geladeira e a xícara
na pia ainda suja da manhã.

Escrever este poema foi como esvaziar os armários e
encaixotar os sapatos;

Foi como fazer as malas e deixar espaço para coisas
que ainda não de vir.

Escrever este poema foi a forma que encontrei de nos
libertar e te deixar partir sem te perder e me deixar ir
sem me prender.



INSTITUTO FEDERAL
Sergipe

PROPEX
Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão